

A' hora do descanso

- Diabos me carreguem, se não parece que anda tudo doido!
- Porque diz isso, sr. Aninhas?
- Então a Mariquinhas não vê?
- Não vejo o quê?
- Boa vai elal! Faça-se agora de novas, que há-de ser? Os tiros, as bombas, as mortes, todo esse inferno que por aí vai.
- Mas isso não é novidade nenhuma!
- Pois não é; mas os homens parece que não tem emenda nem sossêgo e que estão cada vez piores. Não basta o que vai lá por fóra, com toda aquela gente a espantaf-se; cá por casa anda tudo cada vez mais maluco!
- Casa onde não há pão...
- Pois sim; mas os homens também são muito maus...
- Talvez acertasse mais, se dissesse que são muito ignorantes e estúpidos...
- Por se andarem a matar por nada?
- Sim; ou pelo bem dos ricos e mandões da governança.
- Lá isso é verdade. Inda se fosse pelo bem dos seus e do povo, pelo pão dos filhos...
- Mas a questão, sr. Aninhas, é que eles cuidam que assim fazem.
- São levados ao engano, não é? Mas como demónio é que inda se deixam engazupar? Não sou capaz de me capacitar disso!
- Vossemecê não sabe o ditado: todo burro come palha...?
- A questão é saber-lha dar.
- Olarilal!
- Mas então o povo há-de ser sempre burro?
- Tanto, não digo. Mas o diabo é que há sempre tantas maneiras de lhe servir a palha, dando-lhe tantos nomes! E ele chama-lhe um figo. Quer dizer, chama-lhe, conforme os paladares, Religião, Pátria, Civilização, Liberdade, Revolução...
- Revolução, revolução... Sempre que há uma dessas revoluções ou coisa que o valha, começam a dizer que vai haver paz e sossêgo, e que acabaram as razões de queixar...
- Prós que estão de cima e apanharam o bôlo. Puderam!
- E vai-se a ver, no fim das contas, que é que a gente observa?
- Porrada de três em pipa.
- Um inferno que nunca acaba. Olhe aquela mortandade de Lamego... Quando me lembro,

até se me arrepiam os cabelos! Que mal fazia aquela pobre gente?
- Que por signal, cuidava que estava a defender os seus interesses e estava mas era a defender principalmente o arranjinho dos proprietários, dos exportadores e falsificadores de vinho.
- Pois será assim; mas então já a gente não pode dizer o que quer e a Mariquinhas acha bem uma barbaridade daquelas?
- Eu? Não me faltava mais nada! Dou-lhe toda a razão e acho que foi um crime estúpido e selvagem.
- E aquilo que sucedeu lá por Lisboa, um cabo que matou três sargentos e que se suicidou? Também foi a política.
- E quando não é a política, toda a gente se sente agora inclinada a dizer que foi ela. Olhe: aquilo de Lamego, dizem os do governo que foi obra dos talassas e dos jesuítas.
- Arre diabol! Também tudo é obra desses mafarricos, que andam em tudo! Crede! Tantas vezes dizem isso, que inda acabam por dar vontade á muita gente de fazer o dito verdadeiro, por despiquel!
- Deixe estar que os outros pagam-lhes na mesma moeda: para os outros é a «formiga branca», ou a maçonaria, ou a república a causade tudo. Tanto uns como outros não sabem outra coisa.
- E olhe que a gente inda fica um nadinha embuçada, quando ouve dizer que desde que está a república é isto que se vê.
- E' responder-lhes com as armas de S. Francisco, sr. Aninhas, a esses entrujões que querem subir outra vez ao poleiro ou a esses parvajolas que lhes querem servir de escada. Pois esses mariolas inda se atrevem a vir falar-nos de salvação por meio da monarquia!
- Eu também acho que a balbúrdia inda ficaria pior; mas a gente não pode negar que as desordens e sarrafuscas não acabam. Até dizem que vai haver outra revolução... e que o governo vai dar p'ra baixo...
- Bem sei. Não sabem outra coisa: bernardas e dar p'ra baixo... p'ra salvar a república. Mas convença-se disto: o mal é fundo e vem de longe, e se o povo fez a república foi justamente porque sofria e cuidava salvar-se. Pois que mande á tabua os politicos e suas drogas e trate a sério da vida.
- Lá está a sineta.

DIABO RUBRO

época e com o exame desapoiado dos factos.

A França, a Inglaterra e a Rússia aspiram, do mesmo modo que a Alemanha e a Áustria, a explorar a maior parte possível de território sob o sol. De nada serve erigirem-se pomposamente em defensores das pequenas nacionalidades indefensas: os factos ali estão, na mente de todos, e falam por si mesmos. (Paris)

DIONISIO NOR.

Nota da Red.—Pelas ideias e pelo estilo deste artigo e dos dois que se lhe seguirão sobre o assunto, traduzido de Tierra y Libertad, cremos que Dionisio Nor é um pseudónimo dum bem conhecido escritor sindicalista francês, a cuja pena se deve também um opúsculo não há muitos meses editado em português.

A CARESTIA DA VIDA

O COMÍCIO DE LISBOA

O comício promovido em Lisboa pela União Operária Nacional e outros organismos sindicais, em 1 do corrente, foi concorridíssimo e nele se fizeram discursos interessantes.
Evaristo Esteves, secretário da U. O. N., diz que o comício tem por fim comunicar o que se passou no Congresso das Subsistências e declara que prosseguirá o movimento contra a carestia da vida.
Sousa Neves, da U. O. N., diz que os operários foram ao Congresso para que se não dissesse que só sabem gritar e para apresentar soluções práticas. No Congresso, viu-se que o pão, a carne, o açúcar e outros géneros podem ser vendidos muito mais baratos. Fizeram-se lá revelações conclusivas, autorizadas e insuspeitas.
Joaquim Nogueira, da U. dos S. O., mostra que a carestia da

vida é consequência da organização burguesa e diz que provavelmente, como de costume, o parlamento não fará caso das soluções apresentadas no Congresso, devendo o povo agir por si, a fim de alcançar o que deseja.

Joaquim Marques entende que do Congresso de S. Carlos nada útil, por assim dizer, resultou para a economia do operariado; mas ele mostrou que os trabalhadores não são, como se propala, um bando de desordeiros, tendo como ideal a arruaça e a bomba. Ataca o parlamento, pela nulidade da sua acção.

Sebastião Eugénio, pela Federação Corticeira, fala da questão das subsistências nos últimos tempos, historicando a questão do azeite e mostrando que o povo então nada ganhou, por assim dizer, com a solução dada: importação de 5 milhões de quilos. A abolição do imposto de consumo, após a proclamação da República, apenas redundou em benefício do comerciante. Quanto aos cereais, a lei de 1889 protegeu os agricultores, mas aumentou o preço do pão. A sombra do conflito europeu, muitas criaturas tem especulado e enriquecido. O Congresso das Subsistências foi útil, pelo menos, por causa da revelação ali feita do modo como o povo tem sido roubado e envenenado. Mostra o mal da exportação das carnes e do monopólio do selo destinado á conservação do peixe. Que o povo, em vez de se meter em movimentos politicos, trate da sua causa e imponha desde já as conclusões do Congresso popular.

Joaquim Cardoso, da Construção Civil, trata com documentos da questão do peixe, do açúcar e do bacalhau, e põe o operariado em guarda contra possíveis tropelias do governo.

Miguel L. Vieira, dos corticeiros, fala da especulação que tem engordado, com a guerra, muitos

exploradores e ocupa-se especialmente da questão das carnes, cuja carestia é devida a um conluio entre marchantes e criadores. Acha que a convocação do Congresso das Subsistências foi uma especulação política. Ataca o parlamento.

Carlos de Melo, da Federação da Indústria do Mobiliário, diz que o povo não pode nem deve pagar mais, como se dizia no tempo da monarquia, e que os salários não têm aumentado em relação ao preço das subsistências. O momento é grave, a emigração aumenta. Apela para a actividade dos presentes.

O comício é em seguida encerrado pelos convocadores, apesar dos protestos de alguns assistentes que pretendem falar, além dos oradores anunciados, sendo aprovada a moção seguinte:

1.º—Reclamar do Parlamento, por meio de comícios e sessões, a aprovação do projecto de lei sobre o pão, votado na assembleia de S. Carlos, sem lhe introduzir modificação que, alterando as suas bases essenciais, dêem á moagem e á panificação um pretexto para fugir aos compromissos solenes tomados perante o povo no Congresso Popular.

2.º—Reclamar que sejam convertidas em lei as conclusões votadas no Congresso Popular sobre carnes;

3.º—Que se o projecto sobre o pão, emanado da assembleia popular e entregue ao parlamento por intermédio do governo, não for ali aprovado, que os delegados das associações de classe que fazem parte das diversas comissões, dêem imediatamente a sua demissão, não voltando mais a colaborar em semelhantes trabalhos, e nesse caso;

4.º—Que se torne o parlamento responsável pelos abusos que se continuarem cometendo na elevação injustificada dos preços de muitos géneros essenciais á vida e se distribua por todo o país um vibrante manifesto proclamando a impotencia do Congresso da República para moderar a ganância dos especuladores do povo. E em conclusão:

5.º—Prosseguir depois e intensificar, por meio de comícios e de manifestações, o movimento contra a carestia dos géneros e das rendas das casas, passando-se a reclamar, não a diminuição do seu preço, como até aqui, mas um aumento de salários correspondentes ao agravamento do custo daquelas, devendo as organizações operárias encarar esta segunda solução do problema e prepararem-se desde já para ella.

DOCUMENTOS

Pela Paz

Manifesto distribuido no Rio de Janeiro.

A neutralidade do governo e o povo

Esta guerra, como todas as guerras modernas, é um conflito puramente de interesses, surgido em virtude das rivalidades comerciais e industriais das grandes potencias europeias. Os países que se não envolvem nela só procedem assim por conveniências, por interesses dos próprios governos. E' o que se chama a neutralidade decretada, com força de lei.

Ora, neutralidade é indiferença. Mas podem os povos dos países neutros conservar-se indiferentes? Não se trata apenas de indiferença perante o bárbaro espectáculo: trata-se do facto que a guerra prejudica enormemente: os interesses do povo, dos trabalhadores de todo o mundo. Os efeitos maus da guerra não se delimitam ás fronteiras das nações conflagradas. Eles repercutem mais ou menos fundamentalmente por toda a parte.

No Brasil, por exemplo. Nanca se atravessou aqui crise parecida com a actual. As fábricas, as officinas estão paradas, e as que ainda não estão funcionando dois e tres dias por semana. Formam legião os operários sem trabalho. Por outro lado, a carestia dos géneros de primeira necessidade é cada vez mais acentuada. Atravessamos uma situação como jamais se viu. A miséria é agora a regra. Milhares de famílias proletárias passam fome. As ruas e as praças publicas estão cheias de famintos, de mendigos. A' noite, pelos bancos dos jardins e pelas soleiras dos palácios, estende-se toda uma multidão miseravel sem tecto onde repouzar. Os suicídios por motivos de miséria repetem-se e aumentam diariamente.

Proclama-se por ai que tudo isso é devido ao malfadado governo tranzacto. Sem dúvida, os quatro anos de delapidações e ladroenrias daquele governo contribuíram e prepararam sobremaneira o terreno para esta crise. Mas porque se acha o novo governo impotente para debela-la? Ha um factor ca-

pital para esta impotencia: a impossibilidade de um empréstimo externo. Ora, tal impossibilidade é uma resultante directa da conflagração.

Não se iluda o povo. Com as relações de toda a espécie—comerciais, intellectuais, morais—dia a dia mais estreitas, mais intensificadas entre as nações de hoje, nenhum abalo sacode qualquer país que não vá sacudir todos os outros. E' a tendencia histórica da internacionalização tornando comuns e reciprocos os interesses de todas as nacionalidades. A guerra actual é a prova mais evidente, mais flagrante dessa tendencia.

O facto é, pois, que os povos dos países neutros estão a sofrer as consequências da conflagração. E não de estes povos, os trabalhadores dos países neutros conservar-se indifferentes? Provard, como está, que a guerra é uma resultante das rivalidades industriais e comerciais existentes entre as classes capitalistas e governamentais dos países em luta, e que a guerra só a estas classes aproveita, logo salta aos olhos que seria a maior das cobardias conservar-se os trabalhadores indifferentes perante o tremendo conflito.

Neste sentido é que, correndo ao apelo do revolucionário francez Sebastien Faure e juntando os nossos esforços aos esforços das associações proletárias e libertarias dos países neutros da Europa e da América, que nós aqui lançamos o nosso brado:

Pela Paz!

Nós queremos a paz. A guerra fere fundo os nossos interesses mais vitais. Recuzamos aos governos dos países em guerra o direito de perturbar a vida internacional. A conflagração é um crime monstruoso de lesa-humanidade. E contra os criminosos guerreiros nós, todos os povos dos países neutros, temos o direito de protestar. Temos o direito de exigir a paz Temos o direito de exigir que a guerra termine.

Mas é isto possível? Como fazer? E' possível. Fazemos agitações continuas e crescentes. Proclamamos o nosso ódio á guerra e aos guerreiros. Fazemos chegar aos ouvidos dos governos criminosos e dos seus representantes o nosso grito de revolta.

Nós nos dirigimos aos trabalhadores e ao povo em geral do Brasil. E' necessario que o proletariado do Brasil forme junto e solidario com o proletariado da Europa e de toda a América, que se está agitando em favor da paz.

Tambem uma grande parte do povo dos países conflagrados deseja a paz, está já cansada e esgotada pela guerra. Mas estes que, lá no campo da luta, querem a paz, nada podem por si fazer, encaixados como se acham num feroz regime marcial. E' preciso que até eles façamos chegar o nosso clamor. E' preciso que eles tenham todo o nosso apoio.

Pouco nos deve importar a paz ficticia concluida nos conluios diplomaticos, occultos, dúbios, hipócritas, geradores de novas pendencias futuras. Nós queremos uma paz real, uma paz estável, uma paz baseada numa efectiva solidariedade internacional das classes trabalhadoras. Ora, esta solidariedade intern cional não pode ser estabelecida por decretos nem convenções governamentais. Resultado da comunidade de interesses existente entre os proletariados de todas as nações, ella só se firmará com a acção destes proletariados no sentido de não consentir na guerra de não fazer a guerra.

Nós nos dirigimos ás classes trabalhadoras do Brasil. O proletariado desta terra não pode ficar impassivel diante do grandioso movimento internacional, que está a crescer, contra a guerra e pela paz. Se queremos realmente defender os nossos interesses não esperemos que os outros os defendam. Defendamo-los nós próprios como ensina o canto da Internacional.

«Façamos nós por nossas mãos Tudo que a nós nos diz respeito!»
Trabalhadores! Juntai o vosso ao nosso grito: Abaixo a guerra! Viva a paz!
Rio de Janeiro, 30 de abril de 1915
Confederação Operaria Brasileira; Federação Operaria do Rio de

Janeiro; Sindicato Operario de Officinas Varios, Sindicatos dos Operarios das Pedreiras, Sindicato dos Panificadores, Sindicato dos Sapateiros, Centr. dos Operarios Marmoreistas, Liga Federal dos Empregados em Padaria, Liga Internacional dos Pintores, Sindicato dos Estudadores, União dos Alfaiates, Sociedade União dos Estivadores; Centro Cosmopolita; Liga Anticlerical; Centro de Estudos Sociais; A Vida; «Na Barricada»; «A Voz do Trabalhador»; O Clarim.

VIDA SINDICAL

A J. S. P. e o seu I.º Congresso.—Desde há muito que alguns camaradas das Juventudes Sindicalistas portuguesas falam na realização dum congresso nacional com o fim de desenvolver a sua esfera de acção, e definir, ao mesmo tempo, os seus meios de organização e de tática para o combate á esta sociedade burguesa e capitalista que nos explora e nos embrutece.

A nosso ver, as Juventudes são constituídas para arrancar as gerações ao vicio e ao crime, tornando-as fortes e decididas a defenderem os seus direitos e a conquistarem a sua emancipação. E' certo que a burguesia toda se esforça por não nos dar tempo para nos instruírmos e educarmos. Ella com o seu espirito ganancioso, só cuida em roubar-nos, em explorar-nos em esmagar-nos. E neste intuito, precipita-nos em horribes matanças, como a actual guerra europea e demonstra, e fica-se muito surdiente e satisfeita a esperar para o campo da luta... a cem ou duzentas léguas de distancia.

Pois eu, caros camaradas, lembro no presente momento, a todas as Juventudes Sindicalistas de Portugal que nunca como agora, se fez sentir a necessidade dum congresso. Em face das afirmações grutescas e aleivosas dos patriotas, nós precisamos de definir á nossa attitude, dando um exemplo salutar e mostrando ao povo que somos alguém.

Admitido mesmo que não possamos evitar a cooperação de Portugal na guerra, em virtude da ignorância e da estupidez em que o povo está imerso, ao menos demos o grito de alarme, provando as nossas convicções e os nossos principios, e afirmando altissimamente o nosso reto modo de ver.

Que todas as Juventudes Sindicalistas pensem bem no exposto e procedam em consequência, tais são os nossos desejos. Logo que se offereça occasião não a deixemos perder.

A'vante pelo congresso.

COSTA CARVALHO
(Da J. S. da Póvoa de Varzim)
Nucleo Juventude Sindicalista.—(Porto)—Reunião geral.—Effectuou-se num dos últimos domingos a reunião geral deste Nucleo, á qual presidiu o camarada José Rodrigues, secretariado por J. Magalhães Junior e J. Santos.
Tomaram-se as deliberações que seguem: Concordar com a transferência para o domingo 29 do corrente mez, por alvitre do Nucleo J. S. da Póvoa do Varzim, do passeio de confraternização a Vilar do Pinheiro; encarregar a comissão de propaganda de conseguir que varios militantes do movimento anarquista e sindicalista mostrem, por escrito, a sua opinião sobre o papel das Juventudes Sindicalistas, e realizar um passeio de propaganda sindicalista a S. Pedro da Cova, no próximo domingo, 15 de Agosto. Outras resoluções de some-nos importancias foram tomadas.

União das Juventudes Sindicalistas.—Reuniu extraordinariamente para apreciar as possibilidades da reaparição do seu orgão «O Despertar», depois de se consultarem algumas tipografias e varios elementos, resolverem fazer-lo reaparecer no próximo mez de Setembro; para isso, será feito um referendun a todas as J. S. a fim de se pronunciarem sobre o auxilio que lhe possam dispensar.

Entre o expediente, havia um officio da Internacional das Juventudes Socialistas, com sede em Zurich, convidando esta União a aderir; resolveu-se officiar-lhe comunicando-lhe não poder a União aderir pelo facto de prefillhar doutrinas anti-parlamentaristas, mas que sinceramente continuaria, como até aqui o tem feito, a corresponder-se e a colaborar na Campanha contra á guerra; resolveu-se tambem manter assidua correspondencia com as Federações das Juventudes Sindicalistas de França, Federação das Juventudes Socialistas de Italia etc.

A sua omissão administrativa procura encontrar em todos os Núcleos o entusiasmo proprio da Juventudes de que está animada, a fim de proseguir no desempenho da sua missão.

Vida Anarquista

Propaganda libertaria.—Hoje ás 20 horas reúne este grupo no local do costume. Espera-se que ninguém falte.

Convite Pró Presos Por Questões Sociais

Prosseguindo na sua luta tenaz de auxilio e defesa aos presos por questões sociais, os Comités do Porto e Gaia reúnem hoje, domingo, pelas 15 horas na rua Cunha Espinheira, 131, (ás Antas) para deliberar sobre os comícios a realizar em breve no Porto e Gaia em prol dos camaradas presos por questões sociais.

Para esta reunião são convidados todos os membros dos Comités do Porto e Gaia. Que ninguém falte visto a urgencia e importancia do assunto.